

A MULHER DOS POMBOS

Sayonara Salvioli

Em meio à paisagem urbana do Rio de Janeiro, um vulto de mulher se movimenta. Lânguida, ela não segue o fluxo normal dos humanos; ao contrário, para no meio do caminho e se mistura com os pombos do largo, a conversar com eles, acariciando-os e ofertando-lhes comida.

Figura quase saída de uma *Commedia delle maschere*, a mulher dos pombos é como uma personagem sem rumo que se esconde do mundo. Diz-se, porém, soberana: *Rainha Elizabeth é o seu nome*. E um certo ar de nobreza realmente não lhe falta. Além de algo implícito na fisionomia, veste-se com roupas sobrepostas umas às outras: saias longas, blusas de amplas mangas sob casacos pomposos. Ela parece uma caminhante das ruas, mas não uma mulher do povo.

A primeira vez em que vi a mulher dos pombos fiquei profundamente impressionada com a sua expressão vaga, com aquele jeito de quem não se liga à temporalidade da vida... Rainha Elizabeth abordou-me na rua, olhou-me com olhos de vidro embaçado e falou:

– Quer comprar um lençinho?

E estendeu-me as mãos longas e ossudas com dois ou três lençinhos. Deti meus olhos na face estranha e pude perceber que

em sua superfície havia uma espécie de *pancake*, algo como um creme branco derretido... Fitei-a e perguntei:

– Por que quer me vender lencinhos? É você quem os faz?

Ela reagiu apenas com um sorriso enigmático, desses que substituem a fala. Eu insisti nas perguntas:

– Você mora por aqui?

Novamente Rainha Elizabeth não se curvou à minha curiosidade. Estendeu-me as mãos com os lencinhos, ainda uma vez, e me ofertou outro sorriso, tão doce quanto melancólico. Senti um misto de piedade e respeito humano. E não comprei seus produtos, pois acreditei que, se o fizesse, estaria lhe oferecendo algum tipo de esmola. Não me pareceu justo tratar desse modo quem necessitava de outro tipo de ajuda, talvez psíquica ou amistosa.

Correm no bairro diversos boatos sobre Rainha Elizabeth do Largo. Alguns dizem que ela usa assim tantas roupas e mantém o rosto coberto de creme porque sofre de uma doença epitelial rara – contraída pelo contato com os pombos –, o que a impediria de tomar sol normalmente.

Rainha Elizabeth externa certos temores e reações à tecnologia. Os que afirmam ter ela problema de memória atribuem essa repulsa a uma tentativa constante de voltar ao passado. Teria ela um medo exacerbado de entregar-se ao presente, já que para ela o amor e a alegria ficaram para trás, num tempo distante. Desse

modo, ela teme elevadores e câmeras. Conta-se que, certa vez, reagiu quase agressivamente a um colegial que tentava tirar uma foto sua:

– Não faça isso! Vai roubar a minha alma!

Muitos atribuem as anomalias da mulher dos pombos a um distúrbio psicológico, surgido com um problema de amor: ela teria sofrido uma grande decepção com seu antigo noivo – um piloto da Força Aérea – e, desde então, passara a isolar-se do mundo real, tornando-se personagem de um reino que imaginara para si. Disseram-me, certa vez, que ela ficava feliz quando alguém a chamava de Majestade. Assim, no outro dia em que a vi, quando ela se aproximou, eu lhe disse com ar solene:

– Bom dia, Majestade! Como tem passado?

Foi impressionante a sua reação. Ela colocou, no mesmo instante, um sorriso complacente nos lábios e respondeu:

– Muito bem. O czar da Rússia lhe manda lembranças.

E afastou-se, sem mesmo me oferecer os lençinhos, não sem antes ofertar um novo e amplo sorriso, que parecia me devotar amizade pelo resto da vida, já que eu partilhava do seu sentimento de nobreza.

Houve, ainda, uma outra vez em que a encontrei: sentada bem no meio do largo, próximo ao chafariz, ela estava cercada de pombos

por todos os lados. Pensei em me aproximar, no desejo de falar melhor com ela. No entanto, fiquei quase paralisada ao perceber que os pombos pareciam interagir com a sua protetora. Parecia mesmo que a compreendiam e – mais ainda – que a amavam! Rainha Elizabeth e seus pombos praticamente formavam uma pintura: os pequenos pássaros pareciam caminhar em seus braços e aconchegar-se na roda de sua longa saia! Ante a visão de quem quer que olhasse, misturavam-se mulher e pombos: não se sabia onde começava uma e onde terminavam outros... Diante de tamanha harmonia, até desisti de aproximar-me. Não, decididamente, eu não poderia influir – com a minha humana pessoa – naquela quase estátua de praça na forma de mulher dos pombos!

De tempos em tempos, Rainha Elizabeth some das ruas. E fazia muito tempo que eu não a via... Certo dia, porém, eu estava no largo e, de repente, meus olhos se encheram com uma revoada abrupta, num deslocamento meio apoteótico de pássaros... Ouvi o arrulhar dos pombos que se reuniam no estacionamento próximo, junto à Igreja. Virei-me para o lado e vi uma cena que não mais me saiu da cabeça: Rainha Elizabeth - como se no âmago de seu castelo, rodeada de súditos - lá estava a acenar-me, sorrindo-me um sorriso plácido, a ostentar o peso suave de um pombo em seu ombro.